

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES  
VOL. 3 ANO 2016 - SEM CORTES (CRÓNICAS 156 A 168 - 2016)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES  
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Ficha técnica – Outras obras do autor:

LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS
2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro <a href="http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas">http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas</a> ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf</a>
2018. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores.-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores.-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf</a>
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016, compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf</a> <a href="https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/">https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/</a>
2015. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL <a href="http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0807-89672015000300016">http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0807-89672015000300016</a>
2013. Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. <a href="https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais">https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais</a>
2012. Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf</a>
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf</a>
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf</a>
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf</a> <a href="https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992">https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf</a>
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, CrónicasAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras <a href="http://www.calendario.pt/index.php?id=246&amp;cat=203&amp;pid=55">http://www.calendario.pt/index.php?id=246&amp;cat=203&amp;pid=55</a>
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online <a href="https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA">https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA</a> <a href="https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&amp;referer=brief_results">https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&amp;referer=brief_results</a>
2009, CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá, Ed. VerAçor.
2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dóres, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf</a> - <a href="http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf">http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf</a>
2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de "La familia: el desafío de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) (1ª ed.) <a href="http://www.ebooksbrasil.org/microrader/cronicasCA.lit">http://www.ebooksbrasil.org/microrader/cronicasCA.lit</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb">http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb</a>
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf">www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf</a>
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf</a> <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf</a> <a href="https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&amp;referer=brief_results">https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&amp;referer=brief_results</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf</a> <a href="https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-">https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-</a>
1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 <a href="https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&amp;fq=&amp;dblist=638&amp;fc=ap:25&amp;at=show_more_ap%3A&amp;cookie">https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&amp;fq=&amp;dblist=638&amp;fc=ap:25&amp;at=show_more_ap%3A&amp;cookie</a>
1991-2011 Yawuji Barra e Yawuji Baía Os avós de barra e Avós de Baía, ed. 1991-2011 <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf</a>
1985 crónica X Aborígenes na Austrália <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf</a>
1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf</a> , <a href="http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-caj-Volume-3-4#scribd">http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-caj-Volume-3-4#scribd</a>
1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf</a>
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf</a>

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystello@yahoo.com.au / chryschrystello@journalist.com

## Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cétrica e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

*Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.*

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micaelense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grosa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil.

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *Crônicas: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mãe, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "Os livros que não escrevi" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queria ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crônicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quicá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros

que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu "castelo" era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela "sorte", os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se "lixo é sempre o mexilhão", pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum "rapaz da sua idade". Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a neblina de mar que vislumbra pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tomara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu "castelo" a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil] "

-- 11 h.

*A correr do café com leite para o elétrico torrado.*

*Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.*

-- Quinze tostões.

*Direito a empurrões, pisadelas.*

*O pó é grátis*

*por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...".*

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preterir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjeturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

*Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.*

*Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.*

*Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.*

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

*No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPress, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbososa», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição).*

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos diretos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal

agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

*Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana<sup>1</sup>. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.*

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

*Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.*

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me cético em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cônego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

*Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.*

*Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo – Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?*

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto absteve-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

*A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um "mono" demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.*

Na casa do Amial havia uma criada ou "sopeira" como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

<sup>1</sup> (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

O ano açoriano começou como tinha acabado com avisos da meteorologia, chuvas, ventos ciclónicos e inundações, desabamentos.... Tivemos a visita anormal de um ciclone, furação ou tufão Alex (conforme a latitude a que nos lê) que fez muitos estragos e causou duas mortes. Depois disso, em 26 dias houve 26 alertas da Proteção Civil. Tem chovido o suficiente para dizer basta. A saúde da minha cara-metade finalmente começou a ceder com tanta humidade e chuva e teve de ficar mais uma semana em casa de baixa. A impotência perante as tempestades e perante a falta de saúde atrasam a normalidade da vida e dos sonhos que nos permitem continuar vivos.

Nem mesmo me animou a eleição de um novo Presidente da República (Marcelo Rebelo de Sousa ou Marcelo II, filho de um ministro colonial do fascismo, comentador de tudo e de nada nas televisões, e afilhado do Dom Marcelo I (Marcelo Caetano, o da primavera política que falhou antes do 25 de abril). Como bom presidente eleito saiu de casa no primeiro dia com a TV às costas, mas cometeu mais que uma infração rodoviária: sem cinto de segurança no carro e parou a viatura à porta do café num lugar para deficientes. Bom exemplo para começar... A abstenção foi a grande vencedora em especial nos Açores (67%) a quem os presidentes e as repúblicas pouco ou nada dizem, pois reportam-se a um país a que ainda estamos ligados ma non troppo. Resumidamente Marcelo II teve 2 400 000 votos, ou seja, foi eleito por cerca de 25% dos portugueses... aqui na Lomba da Maia os resultados foram estes:

Nome	% Votos	Votos
Marcelo R. Sousa	59.38 %	193
Sampaio Da Nóvoa	17.23 %	56
Marisa Matias	8.31 %	27
Maria De Belém	7.08 %	23
Vitorino Silva	2.46 %	8
Paulo De Moraes	2.15 %	7
Edgar Silva	1.54 %	5
Henrique Neto	1.23 %	4
Jorge Sequeira	0.31 %	1
Cândido Ferreira	0.31 %	1
Branços	0.61 %	2
Nulos	0.61 %	2
Abstenção	68.49 %	715

Nada que preocupe o dia a dia destes vizinhos vaqueiros e demais habitantes da pacata freguesia.

Na Alemanha e noutros locais como na Suécia (assassinato de uma trabalhadora social) pelos refugiados verificaram-se cenas de violência, violações e quejandos, a fazer temer pelo pior esta integração forçada de refugiados islâmicos (alguns serão, outros não) numa Europa sem ideias em vias de desintegração rápida.

O novo governo de coligação parlamentar de António Costa continuou a desmontar alguns dos excessos da austeridade do anterior governo e a suspirar por milagres económicos de que necessita para prosseguir o cumprimento das promessas.

No futebol, as broncas do costume acrescidas da notícia de que a segunda liga profissional tinha sido vendida aos chineses que em troca querem um jogador chinês em cada uma das dez equipas de topo da segunda liga. Abstenho-me de comentar, pois corro o risco de ser vendido aos chineses... notícia falsa, obviamente.

*Numa comissão de inquérito parlamentar açoriano ao acidente que vitimou uma pessoa no Pico quando um cabeço de amarração se desfez, velho e apodrecido, e matou um passageiro, concluiu-se (onde está a novidade?) que a culpa tem sempre de morrer solteira como convém a uma culpa de recato e de bons costumes. Entretanto a lavoura tonitruante continua a exigir mais e mais apoios, subsídios e sabe-se lá que mais, enquanto os desgraçados dos pescadores incapazes de saírem para a faina pela inclemência dos elementos continuam sem receber as migalhas que o governo demora a aprovar para lhes mitigar a fome. O fim das quotas leiteiras serviu para se ganharem mais uns milhões em subsídios... tudo vai bem neste país de faz de conta e os açorianos contentados, como sempre estiveram pelo jugo feudal a que a história os habituou, passam ao lado das tendências autonomistas da Catalunha, da Escócia e de quejandos.*

*Já nos EUA um homem de penteado (e o resto?) duvidoso continua a semear ódio na sua esperança de vir a ser presidente da nação que já comandou o mundo, e hoje se limita a golpes de estado, invasões, atentados, e outras proezas de que o futuro dará conta, enquanto o seu velho rival russo numa manobra de hegemonia mundial se alia à China e marca pontos no xadrez internacional, de acordo com os seus interesses económicos e geoestratégicos. Por isso a base das Lajes na Terceira perdeu o interesse para os EUA que a vão abandonando e deixando milhares de pessoas na penúria depois de 60 anos a viverem à custa da ocupação militar americana da base que protegia a velha Fortaleza Europa. Já na Austrália os líderes estaduais pedem para o meu país se tornar numa república...será desta? Há mais de 30 anos que sonhamos com isso.*

In DN: Roma de joelhos

*Encaixotadas, retiradas, tapadas. Faz de conta que nunca houve Vénus capitolina, eros com arco ou leda e o cisne. Os museus capitolinos, em roma, autocensuraram-se para Matteo Renzi, o primeiro-ministro italiano receber o presidente do Irão, Hassan Rouhani, e a sua lista de compras no valor de 17 mil milhões de euros. Escapou o imperador Marco Aurélio a cavalo num animal com tudo à mostra, evidentemente, mas ainda assim, houve o cuidado de situar o chefe do estado iraniano não de frente para as partes, como inicialmente previsto, mas de lado. Uma capitulação, escreve André Macedo no editorial de hoje e Ferreira Fernandes pergunta no DN: e o sexo de cavalo à mostra ofende?*

O líder iraniano aterrou em Itália com um cheque de cem biliões para injetar na economia decrépita e a Europa capitulou como raramente se viu. Comento eu que uma Europa de calças na mão, sem espinha nem coragem nem moral a ceder, antes de ser dizimada pelos que aí virão. Bom exemplo de que é uma questão de tempo até "eles" tomarem conta de nós...desculpem se fui meigo. O sonho europeu dos anos 50 esvaneceu-se substituído por tecnocratas e burocratas vendidos ao vil metal que baixam as calças para terem petróleo barato do Irão... Falta de hortícolas e hoje em dia "los cojones" como se sabe são um bem raro que não de é de manufatura doméstica, nem se cultiva, nem se produz, nem em estufa...

pessoalmente eu preferia isto:



Nota de interesse do autor: fui um dos muitos responsáveis pela definição ao mínimo pormenor da política multicultural na Austrália e sua aplicação na Função Pública. Mas o respeito pelas culturas tem de ser mútuo e não unívoco como agora se vê... Eu faria isso se eles lá tivessem igrejas e fizessem o mesmo...como não fazem...

### CRÓNICA 157/2016, DA PAZ QUE VIVO E DAS IMBECILIDADES QUE NOS RODEIAM (MAIS UMA CRÓNICA DEDICADA AO JOSÉ ANTº SALCEDO) 27/2/16

Ontem o meu amigo José António Salcedo, entre centenas de pessoas, umas anónimas, outras desconhecidas, peroravam contra a imbecilidade de um cartaz do Bloco de Esquerda chamado *Jesus teve dois pais...* não valia a pena incomodarem-se que a imbecilidade não é apanágio de um só grupo ou dos políticos em geral, é transversal a toda a sociedade. Hoje, acordei ainda incomodado por outros se afligirem com coisas como estas, que a mim, há muito passam ao largo, e ignoro totalmente, pois desmerecem uns segundos que sejam apenas da minha atenção e preocupação.

Enquanto ele tem o seu refúgio terreno no Gerês, eu estou nas nove ilhas da Atlântida, ele sonha com novas aplicações para os seus lasers e fibras óticas enquanto eu perseverantemente porfio em levar mais longe o debate, a defesa e a divulgação da língua, literatura (e outras coisas que não interessam a ninguém) através dos Colóquios da Lusofonia. Ele fotografa o mundo como o vê, eu escrevo o que sinto e vejo. Temos uma ética diferente da maioria das pessoas e somos profundamente avessos a "ismos" de qualquer tipo, especialmente os fundamentalismos e totalitarismos, por isso não nos chateamos com imbecilidades e concentramo-nos em agradecer estarmos vivos e aqui...

Não sendo católico, nada tendo a favor ou contra Jesus, impérvio ao facto de ter tido dois pais, duas mães ou nem por isso, há coisas que me assustam mais e nada têm a ver com o domínio global da banca nem com o crescimento da economia da Irlanda ou da Islândia. Menos ainda com a crise do sucesso de Macau. Fosse eu crente e estaria a dar graças (ou garças) a deus, a alá ou a uma qualquer mãe-natureza por estar vivo e ter nascido aqui e viver acolá. Com efeito, nunca me canso de agradecer não ter nascido no Afeganistão, na Coreia do norte, na Nigéria, no Mali, no Paquistão, Bangladeche, Irian Jaya (Papua Ocidental sob ocupação indonésia desde 1962), no Líbano, Iraque, Irão, na Caxemira, na ainda ilegal República Sarauí, República do Congo, Chade, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Ruanda, Burundi, Quênia, Uganda, Somália, Etiópia, Sudão, Líbia, Síria, Egito, Eritreia, Camboja, Birmânia (Myanmar), Chechénia, na maioria dos países da América Central, Latina ou da América do sul, México, Albânia, Hungria, países balcânicos, países da ex-União Soviética, como a Ucrânia, Crimeia e países terminados em "tão" (Turquemenistão, Tajiquistão, etc.) num total de 151 países atualmente em guerra....

São tantos e tão diversos, uns em guerras recentes, outros há décadas, sem paz nem futuro nem presente e eu aqui nos Açores a queixar-me de quê? Da humidade? Dito isto, alguém na sua perfeita sanidade tem coragem de se queixar de imbecilidades mesquinhas e de políticos? Creio bem que não, vejamos as coisas pelo lado positivo, pertencemos eu, o meu interlocutor e alguns mais a uma pequeníssima elite de seres pensantes, com opinião e inteligência para formar a sua própria opinião, divergindo de muito mais do que 90% da população portuguesa que nos rodeia e dos que nos comandam o dia-a-dia...

Conseguimos ser indivíduos e individualistas, mesmo integrados em esquemas coletivos e de solidariedade, sonhamos com altos voos para nós e para os nossos que não se comprazem com a mesquinhez e a mediocridade do meio ambiente onde estamos inseridos.

### CRÓNICA 158. PROTESTO DE UM CIDADÃO DA LOMBA DA MAIA S MIGUEL AÇORES

Publicado a 10/03/2016

Lomba da Maia, março 2016

Ex.mo Senhor Diretor

Terá de morrer alguém numa derrocada na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras?

Terá de haver uma derrocada catastrófica na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras?

Terá a cor política da Junta de Freguesia e da Câmara algo a ver com os "estudos" que alegadamente estão a ser feitos para haver obras na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel?

A estrada ficou cortada depois das derrocadas de dezembro 2015, com enormes inconvenientes para centenas de moradores da costa norte.

Os transportes privados, os públicos, incluindo os transportes escolares, fazem desvios morosos por Calços da Maia, Gorreana e São Brás em estradas que não foram feitas para tal movimento e depois de meses de a estrada ter estado cortada à circulação entre a Lombinha e a Maia, nem um só trabalhador apareceu no horizonte num dos troços mais perigosos das estradas públicas regionais na costa norte.

Está em estudo, ao que dizem, a intervenção camarária e os transportes pesados estão proibidos de acederem aquele ramal, enquanto os ligeiros que por ali passam correm riscos enormes e desnecessários. A falta de sedimentação das perigosas arribas após as derrocadas de dezembro pode nem precisar de mais chuvadas para causar novo desmoronamento...

Porque esperam então as entidades responsáveis para fazerem obras que há muito se impunham?



Se houver uma tragédia, do dia para a noite surgirão máquinas, trabalhadores e estudos?  
Aqui deixo a pergunta a quem de direito como cidadão residente na costa norte a quem foi coartado o acesso direto entre a Lombinha e a Maia.

Ao fim de três meses continuo à espera do início das obras céleres para darem segurança aquele troço bem movimentado da estrada.

Com os melhores cumprimentos  
CC

### CRÓNICA 159 QUANDO AS PALAVRAS SE ACABARAM, ABRIL 2016

A inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português. Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há mais de dez anos.

Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito. De cada vez que saio da Ilha verde - e visito ou conheço nova ilha - enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude. Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.

Como pode uma pessoa vinda de outras culturas e continentes entender estas ilhas e suas idiossincrasias?

A partir de 2006 comecei a traduzir autores açorianos e publiquei dois volumes da "CHRÓNICA AÇORES: uma Circum-navegação, de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores," cronicando as minhas viagens em volta do mundo.

Organizo desde 2001 os Colóquios Anuais da Lusofonia e sou atualmente o Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos, que divulgam obras de autores açorianos e livremente acessíveis em linha (<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>)

Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago?

É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em A Narcose, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano.

É preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os marroços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim, meditar em frente ao ilhéu do Topo, extasiar-se no Caldeirão do Corvo e deleitar-se com as águas que em cascata pontilham as Flores...

É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleeiros, reler o Mau Tempo no Canal, parar num qualquer aeroporto e entender o Passageiro em Trânsito do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo Oculto de Vasco Pereira da Costa, Viajar com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, rever a Traceira de Jasus de Álamo Oliveira, visitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas de Daniel de Sá.

A estes nomes aleatórios há muitos outros a acrescentar de autores açorianos que não só merecem ser lidos, como deveriam constar

Por isso, em tempos, escrevi

Que Dias de Melo era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia a palavra como um baleeiro, pescador, marinheiro, mestre de lancha da ilha do Pico.

Escreveu como se da janela da sua "Cabana do Pai Tomás" no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras

Com os aborígenes australianos entendi como é possível preservar a língua e cultura mesmo sem haver escrita há 60 mil anos.

Com os chineses apreciei o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, e com os timorenses, macaenses e outros aprendi saberes que fazem parte do meu quotidiano.

É disso que os meus livros falam. E continuo a citar:

Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

Não sendo das Bermudas este triângulo, isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele.

Despir a bela capa colorida terrena, de seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos picos vocês habitam.

Aqui, na Gruta das Torres senti-me um saltador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasmo e arrebatada.

Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Há cinco anos que não visitava a ilha mágica, o Pico magnético que me atrai e seduz.

Um dos primeiros locais que quis visitar foi a casa de José Dias de Melo no Alto da Rocha do Canto da Baía. Aí perdi as palavras, as silvas retomaram posse de terrenos bem tratados e cuidados, a portinhola de madeira, na entrada, estralçada com as ripas no chão. As pedras soltas do caminho de acesso à casa, o abandono total à espera de uma decadência que a casa não merecia por mais pobre humilde que sejam as suas origens e as do seu habitante mais celebrado e ora esquecido.

Foi há apenas cinco dias que as palavras se me acabaram. Foram-se. Esgotadas. Caladas.

Silentes como o breu da noite. Arrebatadas por alguma força alienígena que não entendo.

Sempre disse que um povo que não respeita a sua história e os seus vultos acabará, mais cedo ou mais tarde, como povo e dele restará um punhado de notas para a História.

Tentei saber o porquê do abandono, falaram-me de disputas entre herdeiros e editores.

Não quis saber então, e muito menos quero agora. Há desculpas que a gente não engole. Até podem ser reais ou legais ou mesmo morais, mas nem por isso se tornam mais aceitáveis, palatáveis.

Um dos mais ricos patrimónios, ainda mal explorado, dos Açores é a sua riqueza literária. Há anos que venho pugnando e propondo a autarquias e entidades várias, a criação de roteiros culturais locais, para se celebrar a memória de autores e de suas obras, os seus passos terrenos, os locais onde nasceram e viveram, onde escreveram, onde sofreram e sonharam. Os passos que davam nas suas caminhadas diárias, as paisagens que os inspirava, os sons e os cheiros que rodeavam o seu meio-ambiente.

Fiquei imensamente triste, pensei que ia encontrar a casa aberta ao público, como espaço museológico, com um guia habilitado, a falar-nos das suas lutas, da sua escrita e vim a encontrar estas imagens que me compungem. Estas palavras que me abandonaram servem apenas para lançar um apelo pungente aos herdeiros do escritor para que honrem a sua memória e não deixem morrer a casa que bem serviria para contar as suas histórias de baleeiros.

Há bens imateriais que se deviam sobrepor a quaisquer vantagens materiais desta propriedade a caminho da ruína. Sei que a memória do homem e da sua obra podem ser dignificados e acredito que o serão, para preservar este cantinho de um autor que soube sempre honrar o Pico natal.

É este Pico que amo e quero ver enaltecido, em vez de entregue às silvas e ervas daninhas que nunca quebraram nem amedrontaram o escritor dos baleeiros.



A CONTRASTAR A AUTARQUIA ASFALTARA O PEQUENO CAMINHO DE ACESSO, OUTRORA IRREGULAR E EM GRAVILHA SOLTA. ESTE O ASPETO DEGRADADO A QUE DEIXARAM CHEGAR A CASA A CONTRASTAR COM AQUELE QUE TINHA EM 2009, UM ANO APÓS A SUA MORTE.



2016

2009

Da última vez que aqui estive na ilha em 2011, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho.

Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de "pedir emprestada" a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando.

A viagem não teria destino.

Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros.

Não se cobriam bilhetes.

Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam.

Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo.

Termino dizendo que a magia da ilha, que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar, merece que a casa de José Dias de Melo seja mantida e aberta ao público em geral e aos fiéis como eu que ali peregrino sempre que vou ao Pico (Calheta de Nesquim) ...

### CRÓNICA 160 BRASIL, 18 ABRIL 2016

Desde 11 setembro 1973 quando, os EUA com a ajuda de Pinochet, suicidaram Salvador Allende, outro momento bem triste da luta democrática surgiu a 17 abril 2016 quando o processo de destituição da Presidente Dilma Rousseff do Brasil foi aprovado. A juntar a isto, a vergonha da crise dos refugiados na Europa que não pode ser descrita por palavras e muito menos adjetivada. Sou dos poucos que ainda acredito que as pessoas eleitas devem ser destituídas nas urnas. Sou dos poucos que ainda acredito que a justiça deve ser isenta e seguir o seu curso.

Não creio em manifestações de rua, em levantamentos populares ou na palhaçada parlamentar que ontem ocorreu em Brasília, quando a maior parte dos votantes estava já indiciado por um ou mais crimes de corrupção e a deposta não é indiciada nem por um... Claro que, com esta destituição, vão todos ficar "limpinhos" como as consciências que não têm. E por falar em democraticamente eleito, FHC (Fernando Henrique Cardoso) foi eleito democraticamente, Itamar Franco foi eleito democraticamente, Collor foi eleito democraticamente, até Hitler foi eleito democraticamente.

Mas ainda não consegui entender como é que centenas de corruptos, democraticamente eleitos para a Câmara dos Deputados (votaram 367 a favor da destituição, mais do que os 342 necessários), podem falar em lutar contra a corrupção? Raramente vi uma luta de classes tão mal dissimulada como esta.

Falta agora o Senado sancionar (54 votos) o afastamento de Dilma, e a luta intestina que paralisa o Brasil, há meses, irá continuar com os Jogos Olímpicos à porta... Quem vai perder, (já não falo da situação económica) são as minorias, os negros, os sem terra e todos aqueles que na última década começaram a "existir" no Brasil para pesar daqueles que ora orquestraram o golpe. Mais um dia de tentativa de golpe no bananal brasileiro.

Como em 1932, a elite vai em busca do poder perdido. Depois do golpe mediático-civil-militar, o golpe mediático-empresarial-judicial. De onde vem o golpe? Da união de esforços de políticos fisiológicos, de partidos oportunistas, de jornalistas arrivistas, de uma mídia grosseiramente conservadora e de juristas militantes. Só no Brasil o supremo tribunal permite que um réu por corrupção conduza o processo de destituição do primeiro mandatário da nação. Eduardo Cunha, o réu, com fartura de provas, articula o derrube da presidente sobre a qual não pesa qualquer investigação de ilicitude.

Até ao século XIX, o direito serviu de ideologia da escravidão. Hoje, serve de ideologia do golpe como impeachment.

Assustador é o deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) lembrar os militares de 1964 e o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, comandante do DOI-Codi (polícia política e de tortura generalizada) entre 1970 e 1974 antes de votar. Ele foi o TORTURADOR de Dilma na ditadura.

A melhor descrição do circo de ontem em Brasília foi esta: uma piscina cheia de ratos. Os promotores do impeachment eram quase todos detentores de contas na Suíça, offshores no Panamá e recebiam "propina" (luvas) da Odebrecht... um outro fator a ter em conta: Projeto de Renan Calheiros e José Serra extingue "regime de partilha" e afasta Petrobrás.

Medida provocaria exploração predatória, em benefício de transnacionais petrolíferas, não sei se entenderam bem que estamos aqui a falar de petróleo. Quantas revoluções no mundo, quantas invasões, quantos crimes não foram feitos por causa do maldito ouro negro?

Tal como no Chile em 1973, este golpe da classe média branca vai fazer retroceder o Brasil e representa uma enorme vitória dos EUA contra o poder do bloco BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) que deixou de negociar em dólares e ameaçava limitar ainda o imperialismo norte-americano. Como o fosso era já enorme entre os ricos e os outros, esse fosso vai agora aumentar, com iniquidades, injustiças, atropelos ainda maiores dos que já nos habituara a ditadura brasileira das décadas de 1964 a 1985. Dizem que seis brasileiros possuem a mesma riqueza que a metade mais pobre do Brasil. Os patrões vão comemorar. Não vai ser fácil para o trabalhador. Os estudantes pobres e negros que nos últimos anos finalmente começaram a ter mestrados e doutoramentos vão voltar para as favelas sem mais estudos. Como escrevia hoje Carlos Albino

"Não quero imaginar um macro parlamento lusófono com esta gente do Brasil, outra de Angola, ainda outra de Moçambique, etc., a que se juntariam por certo os excelentes parlamentares da Guiné-Equatorial.  
Não quero imaginar como da minha língua se poderia ver o mar da palha."

Agora na fase que se segue para destituição: No Senado são duas votações: a primeira é pela admissibilidade do processo, precisando de votação simples, metade + 1 dos votos dos presentes.

A segunda votação é a decisiva, precisando de 2/3 dos votos, ou seja, 54 votos e será sob a direção do presidente do STF. Vejam o que diz o senador Paulo Paim (PT-RS) com 13 anos de Senado:

" Não acredito que o impeachment passe na Câmara dos Deputados, mas faço um alerta aos navegantes. Estou há 13 anos no Senado e nesse tempo todo ninguém conseguiu 2/3 dos votos, a não ser por acordo.  
No Senado Federal o impeachment não passará.  
Quem fizer um acordo oportunista dançará!  
Quem viver verá!"

Senador Paulo Paim

E repasso a pergunta "Uma dúvida: o "tchau querida" se refere à Dilma ou à democracia? Ou a ambas?" disto tudo vai resultar um Brasil mais dividido e polarizado, mais incapaz de se sobreviver aos desafios que a crise económica global lhe impõe. Uma democracia mais pobre e ineficaz.

A ditadura está ao virar da esquina. Tal como em 1939, está em todas as esquinas da velha Europa ao novo mundo.

## CRÓNICA 161 A LUSOFONIA REGRESSOU A TRÁS-OS-MONTES, ABRIL 2016

Depois do sucesso de várias edições dos colóquios da lusofonia em Bragança (2002 a 2010), andamos por outras paragens [Seia, Fundão, Açores (Ilhas de São Miguel, Santa Maria e Graciosa), Brasil, Macau e Galiza] e finalmente surgiu a oportunidade de regressarmos a Trás-os-Montes. Regressamos a estas nossas terras transmontanas com o patrocínio da Câmara Municipal de Montalegre, e amplo apoio do EcoMuseu do Barroso, UTAD, Tertúlia João Araújo Correia, da SATA, Governo Regional dos Açores (Secretaria Regional da Cultura, Secretaria Regional de Turismo, Direção Regional do Ambiente e Mar, logomarca Açores certificado pela Natureza, Geoparque Açores), AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), Embaixador Anacoreta Correia da CPLP e Observatório da Língua Portuguesa, Embaixada da República Democrática de Timor-Leste em Lisboa.

*Temerosos pelo frio que se fizera sentir no mês transato e pelo forte nevão ocorrido uma semana antes, arribamos a esta fria terra nas faldas do Larouco, e cedo nos apercebemos do calor das gentes da terra, da sua agradável hospitalidade, bonomia, simplicidade, sinceridade e inextinguível acolhimento que nos haveria de acompanhar ao longo de seis extenuantes dias de colóquio com quase cinco dezenas de oradores e mais de oitenta participantes, culminando na noite de dia 24 de abril em que muitas centenas se apinharam no Pavilhão Multiusos para celebrar o 25 de abril.*

*Como é nosso hábito começaremos por fazer uma curta resenha histórica do local onde nos encontramos, seguindo a própria descrição que a nossa parceira, Câmara Municipal de Montalegre tem na sua página:*

*Há 4 mil anos, os nossos antepassados ergueram aqui monumentos funerários como as antas da Mourela e da Veiga ou as cistas<sup>2</sup> da Vila da Ponte, o que prova que Montalegre já era povoada na Idade dos metais. Depois, os Celtas erguem tantos castros quantas as povoações do concelho.*

*Os romanos atravessam a região com uma via imperial e pontes, e romanizam alguns castros.*

*Existem vestígios de cidades romanas como Praesidium (em Vila da Ponte, hoje denominada Sabaraz) e Caladunum (Cervos). Dos Mouros não há indícios documentais da sua presença, exceto a tradição oral que lhes atribui tudo quanto de extraordinário e antiquíssimo existe.*

*D. Afonso Henriques doou terras ou coutos onde floresceram albergarias (Salto), hospitais (Vilar de Perdizes e Dornelas) ou mosteiros (Pitões).*

*Como fronteira com o reino da Galiza, são erguidos os castelos de Gerês e Piconha e mais tarde os do Portelo e de Montalegre.*

*São atribuídos forais a Tourém, provavelmente por D. Sancho I em 1187. Só em 1273 é que D. Afonso III, em carta de foral, funda a vila de Montalegre e o respetivo alcácer tornando-se cabeça das Terras de Barroso.*

*Este foral é depois confirmado por D. Dinis, D. Afonso IV, D. João II e em 1515, D. Manuel converte-o em foral novo.*

*No reinado de D. João I, na sequência da Guerra da Independência, as Terras de Barroso são oferecidas a D. Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino. Nas invasões francesas em 1809, as tropas tiveram problemas de monta com os barrosões, na Misarela. Em 1836, o concelho é dividido criando-se o município de Boticas e perderam-se Vilar de Vacas (sediado em Ruiães) para o município de Vieira do Minho, e o Couto Misto de Santiago de Rubiás.*

*A história recente de Montalegre é igual à de tantas regiões, marcada por uma forte emigração, depauperação económica e abandono das atividades económicas tradicionais. Só com a institucionalização do Poder Local após o 25 de abril de 1974 é que surgem condições de revitalização do concelho devido às alterações estruturais que aquele movimento democrático permitiu.*

*Quando vim da Austrália, em finais dos anos 90, cedo retornei a estas terras transmontanas. Portugal profundo chamavam-lhe os governantes, como sinónimo de esquecido. Revisitei o baú das reminiscências. Recreei passos perdidos há décadas, em aldeias, vilas e lugarejos sumidos na memória de tempos idos. Visitei-os a todos. A desertificação humana maciça, a emigração, a migração para o litoral e os limites da longevidade haviam impossibilitado a reconstrução das memórias.*

*Poucos sobravam para falar da minha infância e juventude por terras e aldeias pujantes.*

*Ou seria da vida escrava, nesse feudalismo transmontano de 1960? Teriam progredido? Mais casas novas havia e muitas. Maiores.*

*Bem maiores e bem mais desertas. As velhas casas senhoriais abandonadas, inabitadas. Desertas. Vazias, sós, e tristes como só as casas são quando têm sentimentos como as plantas. Em ruínas. Das gentes sumira-se-lhes o rasto.*

*Nem guardadores de cabras, nem guardadores de casas. Perdidas na voragem consumista das grandes urbes.*

*As gentes anónimas no litoral que o 25 de abril roubara à emigração a salto.*

*Desaparecidas as "vendas", os cafés e as tabernas.*

*Nem botequins havia sem gente que os sustentasse.*

*Os escassos setuagenários, congregados no adro das igrejas. Vazias. Sem serviços dominicais.*

*Escolas abandonadas às silvas.*

*Destroços définhavam na vegetação que se reapoderava dos seus terrenos.*

*Poucas foram aproveitadas e ocupadas por novas valências.*

*Aqui e ali medravam em túbias esperanças de turismo rural ou escolas convertidas em lares de terceira idade.*

*Com uma população acima dos setenta anos, não tarda que morram sós sem ninguém dar conta.*

*Depois virão os sociólogos falar do problema da solidão na terceira idade, os geógrafos políticos lamentarão a desertificação humana do interior profundo, os políticos explicarão as alterações inócuas às leis, as instituições de solidariedade social lamentarão a crise e a falta de apoios para prestarem ajuda solidária aos idosos, a GNR e PSP deplorarão a falta de meios humanos para uma política de proximidade, e os filhos e os netos continuarão a colocar em asilos e hospitais os idosos para não terem o trabalho de cuidar deles. Ignorá-los-ão só por que são velhos.*

*Hoje tudo é já diferente da minha infância. Vivemos numa nova escravatura que nem Aldous Huxley imaginou no seu livro Admirável Mundo Novo.*

*Os temores de 1984 de George Orwell converteram-se já nesta prisão sem grades onde prevalece o medo que enche o quotidiano de jornais e televisões.*

*Enquanto puder isolar-me-ei refugiado no onírico, na poesia e na utopia, em vez de buscar uma qualquer droga de felicidade falsa ou um novo empréstimo bancário ou hipoteca.*

*Cresci numa época conturbada, após a segunda guerra mundial, no esforço de reconstrução da Europa, quando em Portugal ainda não se podia sonhar.*

*Cresci com a espada de Dâmocles da guerra colonial que viria a ceifar o futuro que tinha delineado. Nessas décadas de 1960 e 1970 éramos jovens, esperançosos e sonhadores num mundo melhor.*

*Durante alguns anos vivemos a ilusão que a revolução dos cravos permitia, mas hoje no outono da vida vivo desiludido com o mundo que me rodeia, com as promessas incumpridas de 42 anos de abril, uma desigualdade ímpar neste fosso entre ricos e outros, sem grandes esperanças para os dias que restam.*

*Já não sobejam grandes sonhos para passar às gerações futuras, enquanto antecipo as piores previsões orwellianas ultrapassadas por uma realidade que há muito excede a ficção.*

2 Uma cista é um monumento de tradição megalítica funerário. Basicamente é formada por quatro lajes, colocadas verticalmente formando um retângulo. Sobre elas costumava ser colocada outra pedra horizontal a jeito de tampa. No interior eram colocados os restos mortuários. Por vezes é difícil determinar se um monumento é um dólmen pequeno ou uma cista. O critério acostumado em tais casos é o tamanho: geralmente é considerada cista quando a sua superfície não superar o metro quadrado. As cistas aparecem, maioritariamente, associadas a outras formações megalíticas, por exemplo, no centro de túmulos (o que às vezes origina discussão sobre se é dólmen ou cista), no centro dum cromeleque (rodeando as cinzas mortuárias), no interior de covas sepulcrais, etc. Em geral a sua conservação é má, e costuma faltar a tampa e mesmo alguma das lajes laterais.

Luto contra a imensa amargura de já não se poder sonhar.

Pessoalmente já não visitava esta agradável vila desde 2003 quando aqui veraneei na vizinha aldeia raiana de Baltar e mais especialmente na Rousia (do lado de lá da fronteira), local que ficou gravado na memória e onde me aprestei a ir recordar esses bons momentos.

Gostara tanto de lá passar dez dias que regresssei nesse longínquo agosto de 2003 para mais uns tantos dias, em que galgamos quilómetros de estradas quer na província de Ourense quer na região de Montalegre, onde revisitei lugares perdidos na memória dos anos 60 e 70 como Pitões das Júnias, Vilar de Perdizes e Tourém, cheios de lendas e tradições geradas por uma rica herança que vem desde os Celtas, além desse memorável capítulo da história que foi o Couto Misto.

Um tio meu, da numerosa família Mesquita Guimarães provinha de Montalegre, e foi com pesar que vi a casa senhorial de seus antepassados à venda, mas em ruínas.

Desconheço quem são os herdeiros, mas sei que as novas gerações pouco ou nada ligam a estas recordações do passado que me esforço por fazer reviver a cada passo que dou.

Mal sabia eu em 2003 que poucos anos depois viria a conhecer a grande amiga e irmã de muitas lutas, Concha Rousia, da Academia Galega (da Língua Portuguesa) nossa patrona dos colóquios, juntamente com os mestres Professores Evanildo Bechara da Academia Brasileira de Letras e Malaca Casteleiro da Academia de Ciências de Lisboa.

O legado que quero deixar aos vindouros resume-se à rica experiência de vida na Europa, Ásia e Australásia, a escritos dispersos por livros e gavetas e ao ideal maior que nunca imaginei concretizar em tanta longevidade.

Falo dos 25 Colóquios da Lusofonia que já passaram pelo Porto, Bragança, Seia, Fundão, Ribeira Grande, Lagoa, Vila do Porto, Santa Cruz da Graciosa, Ourense na Galiza, Brasília, S. Paulo, Rio e Florianópolis no Brasil, Macau na China e agora Montalegre.

Somos um projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais.

Esta nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento e que nos torna distintos de outros encontros científicos do género.

Temos encontrado gente capaz de operar as mudanças.

Assim se explica que depois de José Augusto Seabra, os nossos patronos sejam hoje Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia.

A informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, permitiu avançar com ambiciosos projetos.

Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Há quem atribua o conceito de Lusofonia ao mentor do Quinto Império o Padre António Vieira, outros pretendem encontrar a sua génese em Agostinho da Silva, eu encontrei-a no meu mentor José Augusto Seabra que me desafiou a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo.

Na nossa visão abrangente todos cabem desde que trabalhem a língua portuguesa numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, emana da CPLP e outras entidades.

Escrevemos em 2003:

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais.

Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo.

Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma.

Infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do património linguístico.

Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da sua língua.

Além dos tratos de polé que a língua sofre nos meios de comunicação social, uma nova frente se abriu com o ciberespaço e as novas redes sociais.

Urge apoiar a formação linguística da comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores, zelar pela dignificação da língua nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

Falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, a competição é palavra tabu, o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, e continua a grassar a desresponsabilização.

A maioria dos cursos estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, há cursos que para nada servem. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos.

Mas será que falam Português?

Mais de uma década se passou e aquelas palavras continuam atuais à exceção do c mudo que finalmente desceu à tumba com a implementação do AO 1990 por que tanto pugnámos a partir de 2007.

Na vizinha Galiza houve avanços e recuos, depois de ajudarmos a criar a Academia Galega da Língua Portuguesa registaram-se progressos como a aprovação da lei Paz-Andrade que urge realizar.

O futuro decidirá se o Português na Galiza vence ou se continuará a ser vítima do genocídio linguístico, estropiado pela política antropofágica de mais de cinco séculos do reino de Castela.

O futuro decerto trará Angola e Moçambique ao AO-1990 já plenamente cumprido no Brasil e em Portugal, e em andamento mais lento em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Há notáveis avanços quantitativos em Angola, Moçambique e Timor-Leste, no número de falantes de Português, seguindo uma tendência mundial onde há – cada vez mais – lusofalantes.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros.

A República Popular da China prepara em Macau e nas universidades da China os seus quadros para dominarem a língua portuguesa e conquistarem os mercados lusófonos.

Creio que vai depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal.

A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros, mas pode ser o veículo de aproximação com as comunidades lusofalantes espalhadas pelo mundo.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar.

É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor.

O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

E foi isso que - graças ao convénio firmado com a autarquia de Montalegre - quisemos partilhar lembrando que pela segunda vez ostentámos com orgulho no colóquio a Marca Açores, Certificado pela natureza.

Recapitemos em breves palavras os momentos mais relevantes do colóquio que abordou três temas genéricos: Lusofonia e Língua Portuguesa, Açorianidades e Tradutologia:

Falamos de um evento que juntou 17 regiões e vários países representados, a saber: Alemanha, Açores, Austrália, Bangladeche, Bélgica, Brasil, Canadá, França, Galiza, Goa, Índia, Itália, Luxemburgo, Malaca, Portugal, Macau, e Timor-Leste, incluindo 10 representantes de três academias de língua portuguesa e 13 universidades e politécnicos.

Todas as sessões (palestras e sessões culturais) foram gratuitas e abertas ao público.

Iniciou-se a sessão de abertura com três vídeos, um de Montalegre, outro dos nove geoparques dos Açores e um de memórias de 24 colóquios em imagens.

Na Mesa estavam o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Montalegre, David Teixeira, Secretário da Embaixada da República Democrática de Timor-Leste, Dr. Bonifácio Belo, Presidente da AICL, Chrys Chrystello, patronos da AICL, Professor Malaca Casteleiro, mestre Concha Rousia, (infelizmente por motivo de doença o Professor Evanildo Bechara teve de regressar ao Brasil antes do início do evento) e o autor homenageado, dramaturgo açoriano Norberto Ávila.

Seguiu-se um Recital de Ana Paula Andrade (Piano) e Carolina Constância (Violino), do Conservatório Regional de Ponta Delgada, que fizeram em extraordinário esforço para estarem presentes apesar dos compromissos no CCB em Lisboa que lhes iria ocupar os seis dias seguintes.

Além de música do cancioneiro Açoriano revelaram mais poetas açorianos musicados num amplo projeto que iniciámos em 2010.

Depois, tivemos a estreia de José António Cabrita, um "katuas" (que me antecedeu em Timor de 1971 a 1973) a apresentar o seu mais recente livro Na lonjura de Timor / Iha dook rai Timor, da Editora Crocodilo Azul, e por fim, um magnífico recital de música pela Escola de Música Tradicional do Larouco cujo fim passa por promover o ensino da gaita-de-foles e precursão tradicional e que nos levou às origens celtas que povoam todo este território.

Foi um momento que levou os presentes a vibrarem e a anteciparem os dias que seguiriam.

Na segunda manhã tínhamos o início de um roteiro cultural intenso que nos levaria a Vilar de Perdizes em cuja igreja (de excepcional acústica) teve lugar o segundo e último Recital de piano de Ana Paula Andrade acompanhada ao violino por Carolina Constância do Conservatório de Ponta Delgada (Açores), seguindo-se uma visita à Senhora das Neves, Paço e aldeia sob a esclarecida condução do nosso muito especial Guia, Padre Fontes.

Depois do almoço o passeio cultural levou-nos a Pitões das Júnias, visita ao Mosteiro, forno do povo e terminou no Ecomuseu de Barroso (Espaço Padre Fontes) onde depois de uma visita pela história da região fomos agraciados com um beberete da Câmara Municipal para degustação de produtos locais, incluindo os seus famosos enchidos desta Terra Fria transmontana.

No terceiro dia de trabalhos, começaram os trabalhos científicos e palestras com uma grande participação de docentes da UTAD, muitos deles a versarem sobre esse escritor e lutador antifascista que foi o médico Dr Bento da Cruz, a bem merecer estudo pelas gerações mais novas que ignoram o pesadelo da Guerra Civil em Espanha e as suas implicações no viver raiano.

De tarde entre muitas outras comunicações houve uma visita a palestras que versavam Goa, Bengala (Bangladeche) e a língua concani, a que se seguiu a primeira sessão dedicada à açorianidade com os escritores Brites Araújo, Pedro Paulo Câmara e Carolina Cordeiro, culminando numa homenagem teatral ao dramaturgo açoriano Norberto Ávila – autor homenageado dos colóquios em 2016, com a representação de uma curta peça do autor adaptada pelo escritor terceirense Álamo Oliveira.

Ao quarto dia de trabalhos, e o mais intenso deste programa recheado que foi o 25º colóquio, salientam-se a segunda sessão de Açorianidades e duas sessões das Academias onde palestraram Isaac Estraviz, dicionarista da AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), Embaixador Anacoreta Correia da CPLP, Ângelo Cristóvão da Academia Galega (da Língua Portuguesa) e Ana Salgado da Academia de Ciências de Lisboa.

Foi numa destas sessões que celebramos um protocolo com o Observatório da Língua Portuguesa (que havíamos lançado em Bragança em 2004) e hoje importante veículo lusófono no seio da CPLP.

Antes do jantar o nosso convidado (e sócio honorário da AICL) Prémio Nobel da Paz 1996 Dom Carlos Filipe Ximenes Belo lançou o seu mais recente livro "Pe. Carlos da Rocha Pereira, um missionário açoriano em Timor" publicado graças ao mecenato do Moinhos Terrace Café de Manuela Pereira e do nosso associado e adjunto da Direção (José Soares) com apoio da AICL.

Uma longa sessão de autógrafos antecedeu o jantar depois da apresentação que incluiu uma agradável intervenção com música de Timor, a cargo do grupo Tane Timor (do Porto, liderada por Daniel Braga).

Após o jantar tínhamos preparado uma sessão especial dedicada ao 25 de abril com três poemas musicados contra as ditaduras e pela liberdade de expressão que em Portugal chegou apenas com o 25 de abril.

São três documentos - visual e musicalmente fortes - que emocionaram muita gente (Geraldo Vandré "Para não dizerem que não falei de flores", Georges Moustaki "Avril au Portugal", e Chico Buarque "Fado Tropical"). Seguiram duas curtas alocuções do Presidente da AICL e de Dom Ximenes Belo.

Eu recordei que antes do 25 de abril em Portugal havia uma coisa chamada lápis azul, ou censura, que em 1972 me cortou 70 páginas a um livrinho de poemas adolescentes que publiquei então com cerca de trinta páginas....

Estava em Díli, Timor, na noite de 25 de abril 1974. Leio o que escrevi em 1999 no meu livro dossier secreto 1973-1975:

Era hora de jantar e eu estava de Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual. Tony Belo, operador da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer que o autor ia ter uma chamada telefónica uma hora depois.

Chamei o condutor de serviço para ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando 'a chamada'.

Pressenti tratar-se de algo muito importante, pois já concordara com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência.

Já há muito que confirmara que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas gravadas.

Sem perder tempo, pedi ao condutor para passar por casa, onde comuniquei aos colegas de habitação (o cirurgião Prata Dias e Proença de Oliveira, um dos chefes da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira.

Pedi-lhes o máximo sigilo, liguei a rádio de 'ondas curtas' e regresssei ao Q.G. onde anotei no relatório que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade.

Durante o resto da noite, escutei avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez).

Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que me ia render, pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém depois do que se passara com a controvérsia no jornal no mês anterior, respondi: "Nada, que esperavas?"

Ramos Horta recordou assim

#### O golpe das Caldas, a 16 de março de 1974.

**Sim. Em Lisboa disseram-lhe: "Sim senhor, ele pode sair do país". Comecei a preparar a minha saída de Timor, prevista para 27 de abril. Veio o 25 de abril e, naquela mesma manhã, um militar português, Cris Cristelo, que ainda está vivo, um daqueles oficiais anticolonialistas, apareceu e deu-me um grande abraço. Aí é que acreditei que as coisas estavam a mudar.**

Falei igualmente do meu envolvimento durante mais de 24 anos na luta pela independência de Timor, consubstanciada na divulgação de notícias a órgãos de comunicação social portugueses, australianos e outros, permeados de inúmeras censuras (apesar de já se viverem os anos de 1978 a 1999) e que culminaram com a minha Trilogia da História de Timor com mais de 3760 páginas, não-comercializada (exceto o primeiro volume lançado em 1999) e hoje disponível nas Atas deste 25º colóquio e em versão pdf adaptada em linha Trilogia da História de Timor - disponível em linha, <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20comprimada.pdf> contendo o 1º volume Timor Leste, o dossier secreto 1973-1975 versão portuguesa e inglesa, o 2º Volume - historiografia de um repórter 1983-1993 e o 3º volume As guerras tribais, a história repete-se 1894-2006

Depois, Monsenhor Belo falou da liberdade, da paz, da luta em Timor pela independência a que se seguiu um concerto de um grupo galego que apenas toca José Afonso, os "Terra Morena" (Xico Paradelo; Bernardo Marques; Heitor Real) que durante quase uma hora recriaram alguns dos mais famosos temas do cantante da liberdade para gáudio da assistência que totalizava bem mais do que os 320 lugares sentados de que o auditório dispunha.

Momentos mágicos e altamente emotivos para os mais idosos que assim puderam evocar um momento particularmente importante da história recente de Portugal, e que falta ainda cumprir na sua totalidade.

A seguir viria uma homenagem do município ao 25 de abril (liderada pela família Pedreira) que recriou cenas do "antigamente, com as prisões políticas da PIDE, a censura, e evocou alguns cantares de liberdade então fortemente reprimidos, o espetáculo excepcionalmente bem delineado e desempenhado por amadores, culminou com o Grândola Vila Morena cantado de pé no palco e na assistência donde dezenas de pessoas saíram para se juntarem aos intervenientes no palco.

Momentos inolvidáveis que comoveram os mais velhos que - como eu - de uma forma ou de outra estiveram envolvidos na luta política pela libertação de Portugal do jugo de 48 anos de ditadura.

O momento foi particularmente evocativo para os brasileiros que sofreram a ditadura entre 1964 e 1985 (a chamada 5ª República) e hoje se encontram ameaçados pelo espectro do regresso de nova ditadura.

Momento igualmente marcante para os galegos que se encontram aqui em casa e onde livremente podem celebrar o 25 de abril por que anseiam, restando-lhes de momento concentrarem-se na luta pela reposição da sua língua, que afinal é a nossa, no lugar onde merece estar e que tem sido estropiada em castro pelo idioma prevalecente - castelhano - nas últimas décadas.

Para o Brasil e a Galiza vai a nossa solidariedade, extensiva a todos os locais do mundo onde ainda se fala Português, essa língua comum que nos une nesta utopia que são os Colóquios da Lusofonia.

No último dia de trabalhos a sessão da manhã foi dedicada a esse grande escritor (também médico) João Araújo Correia, cuja Tertúlia se fez representar por vários elementos que evocaram a sua rica obra e algumas das características mais etnográficas dos seus escritos que permitiram perpetuar o Douro antigo para as sociedades vindouras, hoje muito obnubiladas da sua obra.

A sessão da tarde foi dedicada à Academia Galega (da Língua Portuguesa) onde se registou a presença de mais de 3 dezenas de pessoas (que é pouco menos do que a habitual média das nossas sessões) e revelou bem a adesão local a este evento, enriquecendo a enorme comitiva que ali fizemos deslocar.

A sessão de encerramento teve a presença do Presidente da autarquia que salientou que este colóquio foi interessante porque é algo de novo na nossa terra e importante por ser algo peculiar que marca a passagem destes intelectuais por aqui, ficando satisfeito que os participantes tenham gostado de estar em Montalegre e que as palestras tenham decorrido na perfeição.

Já foi aqui anunciado que entre 2019 e 2021 teremos aqui as jornadas, novamente. E esta era a conclusão unânime de todos os presentes. VOLTAREMOS.

Anexo I depoimentos:

Orlando Alves | Presidente da Câmara Municipal de Montalegre

«Foi um colóquio interessante e importante. Interessante porque é algo de novo na nossa terra e importante por ser algo peculiar que marca a passagem destes intelectuais por aqui. Impunha-se uma maior presença de montalegrenses. Faria sentido a presença dos nossos professores, por exemplo. Nesta fase em que ainda se discutem as reminiscências do acordo ortográfico, neste palco poderia discutir se está conforme ou não. Este era o palco ideal para se fazer essa abordagem. Fico satisfeito que os participantes tenham gostado de estar em Montalegre e que as palestras tenham decorrido na perfeição. Já foi aqui anunciado que entre 2019 e 2021 teremos aqui as jornadas, novamente. Foi um fim de semana culturalmente muito enriquecedor. Agradeço a todos os que estiveram presentes e à organização.»

David Teixeira | Vice-presidente da Câmara Municipal de Montalegre

«Terminamos com "chave de ouro". Duas conclusões fizeram o resumo desta lusofonia e desta razão que nos une: a raia não existe, somos um só povo, com as mesmas preocupações, dificuldades e anseios e outra conclusão muito importante, sobretudo para a nossa juventude, é que o 25 de abril continua a fazer sentido.»

Fátima Fernandes | Vereadora da educação da Câmara Municipal de Montalegre

«Este evento só poderia ser um sucesso porque temos uma equipa fantástica. O meu reconhecimento a todos os funcionários que trabalharam para que este colóquio tivesse visibilidade e um resultado tão positivo. Estamos muito gratos e o facto de quererem regressar enche-nos de orgulho. É o reconhecimento do nosso trabalho e da maneira de sabermos receber. As comunicações foram maravilhosas. Foi muito enriquecedor. Temos todos muito a aprender sobre a nossa maior marca identitária que é a nossa língua.»

Chrys Chrystello | Presidente da Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL)

«Nesta edição, os participantes não querem ir embora. Voltaremos a Montalegre o mais breve possível. Ainda sem data marcada para o regresso, mas será entre 2019 e 2021. Fomos surpreendidos pela positiva e em todos os aspetos. Pela hospitalidade, pelas caras bonitas e sorridentes que vimos nas ruas e locais onde estivemos, pela gentileza das pessoas que estiveram connosco. Sentimo-nos em casa. Sinto que este lugar pode ser a minha casa permanente. Foi um sucesso!»

Gorete Carneiro | Ecomuseu de Barroso

«É um balanço muito positivo para Montalegre, para o Ecomuseu de Barroso e para o município. Eles gostaram de estar cá e pretendem voltar porque foram bem-recebidos.»

Concha Rousia | Academia Galega da Língua Portuguesa

«Montalegre é a capital da minha terra. Este colóquio é a confirmação de que a minha terra nos acolhe da melhor maneira possível. Regresso como académica em vez de criança, que acompanhava o meu pai à feira dos santos. Ver este local como capital da nossa língua comum é maravilhoso».

Malaca Casteleiro | Professor da Academia das Ciências de Lisboa (ACL)

«Foi um sucesso. Foi dos melhores colóquios que já tivemos, com uma receção magnífica. A sessão comemorativa do 25 de abril foi excepcional. Fiquei encantado com esta terra, do ponto de vista cultural, paisagístico, arquitetónico, com um castelo magnífico. Foi um prazer estarmos aqui».

\*\*\*\*

Anexo II: Conclusões e Agradecimentos 25º colóquio da Lusofonia

Queremos expressar o nosso agradecimento público à Câmara Municipal de Montalegre, na pessoa do seu Presidente, Prof. Manuel Orlando Fernandes Alves e do seu Vice-Presidente, Dr David José Varela Teixeira, Dra. Fátima Fernandes Vereadora da Educação, Joana Abreu da Eventos Montalegre, ao João Ribeiro Afonso do Pavilhão Multiusos e seu incansável jovem assistente Pedro Lestra Pires no apoio cibernético (som, imagem, computação), ao incansável, gentil e sempre prestimoso condutor João, ao EcoMuseu do Barroso na pessoa da Eng.ª Gorete Carneiro (nossa coordenadora local), à nossa guia Luísa Queirós do EcoMuseu, ao Padre Fontes incansável guia de parte do nosso passeio cultural, à Maria João Alves e outras colaboradoras que nos assistiram no Secretariado Executivo, à UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), à Tertúlia João Araújo Correia na pessoa da sua coordenadora Dra. Helena Gil e demais membros participantes, ao Embaixador Eugénio Anacoreta Correia da CPLP e do Observatório da Língua Portuguesa, à embaixada da República Democrática De Timor-Leste em Lisboa, na pessoa do seu secretário Bonifácio Belo, aos nossos convidados de honra dramaturgo Norberto Ávila (homenageado AICL 2016) e ao Prémio Nobel da Paz 1996 Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, (e ao grupo Tane Timor e ao Daniel Braga pela música timorense) pelo lançamento do seu livro e ao nosso projeto comum Um missionário açoriano em Timor, Padre Carlos da Rocha Pereira, ao José António Cabrita (pelo lançamento do seu livro Na lonjura de Timor/Ilha dook rai timor, à transportadora aérea SATA, ao Governo Regional dos Açores, à logomarca Açores certificado pela Natureza, ao Geoparque Açores, à Direção Regional da Cultura dos Açores, à Direção Regional de Turismo dos Açores, à AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), à Helena Chrystello e ao nosso adjunto José Soares, ao Grupo da Escola de Música Tradicional do Larouco, ao Rancho Folclórico da Venda Nova, à família Pedreira que encenou a magnífica exibição do 25 de abril e ao Grupo Terra Morena (Xico Paradelo (voz e bombo); Bernardo Marques (voz, viola, acordeão, harmónica) e Heitor Real (voz, viola elétrica, baixo eletroacústico) e a todos os demais aqui não especificamente mencionados mas de alguma outra forma envolvidos na concretização de um dos melhores colóquios de sempre.

Todas as componentes culturais (locais ou não) foram um sucesso, começando logo no primeiro dia com a pianista Ana Paula Andrade e a violinista Carolina Constância do Conservatório Regional de Ponta Delgada que nos deram a conhecer mais poetas açorianos musicados e trechos do Cancioneiro Açoriano; a que seguiu, a Escola de Música Tradicional do Larouco remetendo-nos para as nossas origens célticas. No segundo dia, apesar dos chuviscos e da frescura do dia, a maioria pode ainda deleitar-se com a riqueza da visita a Vilar de Perdizes, à Senhora das Neves, Paço e aldeia sendo nosso Guia o Padre Fontes e a Luísa que da parte da tarde nos acompanhou na visita ao Mosteiro, forno do povo e Ecomuseu de Barroso (Espaço Padre Fontes). Ao terceiro dia tivemos o Rancho Folclórico da Venda Nova logo de manhã e a presença de Dom Ximenes Belo no lançamento do seu livro e numa curta alocução dia 24 durante a memorável sessão do 25 de abril

(<http://www.cmmontalegre.pt/showNT.php?id=3175>).

Além da sessão dedicada a Bento da Cruz tivemos outra dedicada a João Araújo Correia, duas sessões das 3 Academias da Língua representadas nestes colóquios, uma outra da AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), a assinatura de um protocolo com o Observatório da Língua Portuguesa aqui representado pelo Embaixador Anacoreta Correia, duas sessões dedicadas à Açorianidade sendo os intervalos pautados com vídeos das nove ilhas dos Açores.

Tivemos ainda a participação de três oradores - autores - açorianos além do homenageado Norberto Ávila (Brites Araújo, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara).

As 18 regiões e países representados são: Alemanha, Açores, Austrália, Bangladeche, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, França, Galiza, Goa, Índia, Itália, Luxemburgo, Malaca, Portugal, Macau, e Timor-Leste, incluindo 13 académicos representando três academias de língua portuguesa e membros de 13 universidades e politécnicos.

Neste colóquio surgiu a hipótese de sermos recebidos em Goa pela Sociedade Lusófona de Goa do Professor Aurobindo Xavier caso se obtenham apoios para a deslocação da comitiva oficial.

A hipótese da Páscoa 2018 em Compostela não foi debatida dada a ausência do nosso associado Alexandre Banhos da Fundação Meendinho que se propunha apoiar a sua realização em conjunto com a AGLP.

A hipótese da Universidade de Perúgia na Itália também não foi equacionada dada a ausência da associada Paula Limão daquela Universidade.

Aventou-se a hipótese de convidar a CPLP a fazer a sua reunião anual (Comissão temática de promoção e difusão da língua portuguesa da CPLP) em conjunto com um dos próximos colóquios nos Açores ou aqui em Portugal, pelo que iniciaremos as diligências necessárias. Igualmente foi solicitado que fizéssemos consultas para adesão da AICL à CPLP.

Foi decidido a AICL efetuar um lançamento na Casa dos Açores no Porto do livro de Dom Ximenes Belo com apoio da Tane Timor em data a acordar.

Foi decidido em unanimidade voltar a Montalegre (com base no atual protocolo existente) entre 2018 e 2021 dada a excelente memória que este 25º colóquio deixou em todos.

Foi anunciada a presença no 26º colóquio na ilha de São Miguel do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta, tendo sido decidido convidar com base nos apoios obtidos DARRELL KASTIN (escritor de renome e descendente de açorianos) bem como o angolano Ondjaki (Ndalú de Almeida). Nesse colóquio iremos convidar o Presidente do Governo Regional para fazer a abertura formal do evento e tentar lançar o CD de autores açorianos musicados pelo trio Bruma da EBI Maia 11.

Em 2018 no Pico iremos fazer um concerto especial com as partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

## CRÓNICA 162 MUNDO LOUCO 17 JUNHO 2016

Nestes últimos tempos dei por mim a escrever cada vez menos, mas decerto não é por falta de tema...pelo contrário, há excesso de temas, mas não tenho nem tempo nem disposição para lidar com um mundo hostil com o qual me identifico, cada vez menos. Começamos por um evento surreal ontem à noite quando o meu filho João ao fechar as portadas das janelas me alertou para um objeto brilhante de cor alaranjada na direção sul, 5 a 10º abaixo da lua quase cheia...ele e a mãe tinham visto dois objetos similares, um dos quais desapareceu com uma velocidade astronómica sem se saber para onde. O outro, caracterizado por emitir luz para os lados e para baixo, em tom laranja ali permaneceu, depois desapareceu e tornou a voltar antes de desaparecer para o resto da noite.

Cheguei a esta avançada idade de seis capicuas sem jamais ter observado algo semelhante, embora tenha lido e visto documentários sobre o tema centenas de vezes. Estou consciente das reproduções de eventos similares desde as civilizações mais antigas, mas nunca tinha sido privilegiado com uma visão pessoal do fenómeno UFO OVNI. Foi a primeira, sem explicação lógica, racional ou científica. Aceitemos como diz o povo "eles andem aí".

Esta semana foi assinalada por mais de centena e meia de mortos numa igreja no Quénia chacinado por extremistas em virtude da sua fé católica. Nem uma palavra nos telejornais ou nas páginas dos jornais, apenas uma nota de rodapé nalguns blogues da ciberesfera.

Na Florida, em Orlando, um desarranjado mental qualquer entrou num bar gay e desatou aos tiros (crê-se que com mais ajuda) e usando uma arma automática liquidou cerca de 5 dezenas de pessoas e feriu outras tantas. Dizem que era casado, mas era gay e já frequentara o bar. Tinha ideias confusas sobre o islamismo radical apoiando Hezbollah e Al Qaeda e sabe-se lá quem mais, grupos antagónicos o que demonstra tratar-se de uma pessoa confusa, segundo a mulher afirma, dizendo que o FBI a proibira de revelar a homossexualidade do marido. Claro que uma prenda destas para os serviços de defesa nacional não foi desaproveitada, pela propaganda anti-islâmica habitual.

Dos cristãos queimados no Quénia, assim como tantos eventos semelhantes na Nigéria nestes últimos anos, nem uma palavra. Os jogos circenses do futebol europeu começaram em França com ameaças terroristas profusamente divulgadas pelas autoridades que mantêm um regime de exceção a que os cidadãos se não habituam e contestam.

Depois, vieram confrontos entre hooligans russos e britânicos, mas só os russos foram ameaçados de expulsão. Não convém hostilizar os britânicos pois dentro de dias votam, o Brexit, sobre a sua saída ou não da EU.

E propositadamente, ontem mesmo, uma deputada inglesa foi morta à facada e a tiro por alguém que as autoridades acreditam ser da extrema-direita. Ou seria um destravado pago pela banca temerosa pela saída da UE? Quando mataram o arquiduque austríaco começou a primeira guerra mundial agora pode ser que a continuação da Grã-Bretanha na EU ganhe, quem sabe?

Na Florida (outra vez?) num hotel da Disney, uma criança de dois anos foi levada por um jacaré e apareceu depois afogada. Não deviam deixar os jacarés misturarem-se com os hóspedes da Disney, é má publicidade.

Na Europa, a NATO resolveu hostilizar ainda mais a Rússia e deslocou milhares de tropas para as suas fronteiras, não basta o que fez em tempos na Ucrânia que levou à sua partilha entre leste e oeste, ao abate de um avião civil e à morte de milhares de pessoas...

Nos EUA, Bernie Sanders deu luta à putativa candidata democrática Hillary Clinton, mas perdeu com as trifulhices habituais na contagem dos votos, já era assim que o republicano Bush II ganhava eleições. O perigo maior vem do populista (dizem que é republicano, mas mais parece um democrata infiltrado para aniquilar os republicanos) Trump que ameaça o mundo com as suas "boutades" extremistas e faz os islâmicos radicais parecerem moderados.

Outra notícia de vulto esta semana é a da injeção de 4 biliões na CGD (recuso o mil milhões como há quem recuse o novo acordo ortográfico de há 36 anos atrás!). parece que há anos que andava a fazer negociatas obscuras, emprestando a amigos do executivo, até a uma fundação que nunca existiu, e agora aqui d'el rei que é preciso dinheiro para recapitalizar e evitar a falência. Já não bastavam o BES, BCP; BPN; BANIF...e futuramente o Montepio...paga contribuinte tuga...

Em Trás-os-Montes fala-se do Museu da Lusofonia, ideia destes nossos colóquios da lusofonia em 2009 a quem foi prometido avançar e depois tudo morreu em fogo brando, para ser reativado em 2015 com cinco milhões de euros prometidos pela Comissão Coordenadora do Norte. Em 2009 precisávamos apenas de dois milhões para avançar... Coíbo-me de comentar, fiquem com a ideia e o projeto, mas avancem lá com isso, que eu não divulgo mais nada do que se passou e éramos muitos os presentes, assim ficarei com mais um filho bastardo, mas a culpa não é minha. (o projeto está em <http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/MUSEU%20BRAGANCA.htm>).

Continuarei a pugnar por Trás-os-Montes e por Bragança como sempre tenho feito, serei sempre um filho emigrado da terra, mas o amor mátrio não se discute nem se define. É nessas terras a que ainda chamo minhas que pertenço e não é a idade nem a distância que vai fazer estremecer esses laços., mesmo no dia de hoje, bem triste pelo começo do enchimento da barragem do Tua, crime ambiental injustificado que sepultará mais uma obra-prima da natureza e centenas de anos de história. Se um dia, o futuro vier, haverá quem julgue esses criminosos que autorizaram e levaram avante essa monstruosidade, mas para mim ficarão sempre retidas na memória as imagens das fagulhas do comboio a vapor que usava quando há sessenta e tais anos me deslocava a férias à terra de meus avós e minha mãe. Guardarei para sempre as imagens bucolicamente belas do Douro nesse percurso que é património imaterial e que hoje começam a afogar para uma barragem inútil, no que não passará nunca de mais um crime ambiental impune.

### CRÓNICA 163 CAMPEÕES 12/7/2016

O mundo enlouquece definitivamente e eu aqui impotente a assistir. Imaginem que os tugas ganharam uma taça de futebol, coisa nunca vista desde que nasci e mesmo a minha mãe com os seus 93 anos e sem perceber nada de bola deu conta de algo a que nunca tinha assistido desde pequena. Eu que nunca acreditei, e muito menos na atual equipa de uma mediocridade atroz, dependendo em demasia da supervedeta CR7 (O Cristiano Ronaldo), tenho de reconhecer que bem melhores jogadores e equipas jamais conseguiram tal feito. Lindo foi ver o mundo com a bandeira portuguesa, e com uma prometida ida a Fátima. Isto ainda volta ao que era dantes: fado, futebol e Fátima, grande país.

*Mas a imagem que fica é a do jovem Mathis, lusodescendente nascido em França, a consolar um adepto francês inconsolável...nas imagens cómicas o melhor foi para o ex-jogador do FCP, Benny McCarthy, na África do Sul, aos saltos com a vitória portuguesa ou o Quaresma a agarrar a cabeça de um francês e a perguntar "Ronaldo foi este que te aleijou"???. Ao mesmo tempo - umas meninas e meninos - no atletismo andaram a colecionar medalhas e esperamos também umas condecorações propositadas, embora não concorde com o epíteto de heróis a jogadores principescamente pagos para andarem aos chutos a uma bola. Heróis seriam os dois aviadores que voltaram para dentro do avião C 130 que ontem caiu no Montijo para tentarem salvar o piloto e morreram todos na explosão que seguiu, mas isto digo eu que tenho uma inversão de valores enorme em relação à sociedade que me rodeia.*

Digno de registo é esse grande camaleão maoista Durão Barroso (aquele mesmo cuja cara tem sido apelidada de cherne embora pareça mais um prepúcio) que depois de uns anos a delapidar a EU como seu presidente recebeu a esmola de um lugar não-executivo nos donos disto tudo (Goldman Sachs) ...ah! Grande maoista convicto e coerente. Também gostei muito das sanções a Portugal (e Espanha) pelo incumprimento orçamental 2013-2015 quando se sabe que nema Itália, nem a França nem a Alemanha cumprem, entre muitos outros incumpridores há décadas. Bem moral e justo, é desta europa que quero fugir pois não representa o sonho da minha infância de união europeia.

*A "campeã" das infrações é a França, mas Polónia, Reino Unido e até a Alemanha já violaram a regra dos 3% de défice.*

*De acordo com um estudo, recentemente divulgado pelo Instituto de Investigação Económica alemão Ifo, que procedeu aos seus cálculos com base em dados da Comissão Europeia entre 1999 e 2015, a regra europeia de um défice abaixo dos 3,0% do Produto Interno Bruto (PIB) já foi violada em 114 ocasiões pelos Estados-membros. Entre as 114 violações da regra, a "campeã" das infrações é a França, que ultrapassou o limiar dos 3% por 11 vezes, seguindo-se Grécia, Portugal e Polónia, todos com 10, Reino Unido (9), Itália (8), Hungria (7), Irlanda e Alemanha (5, em ambos os casos).*

*Portugal ultrapassou o défice permitido por 15 vezes, e se em cinco ocasiões tal era permitido devido à recessão (2003, 2009, 2011, 2012 e 2013), o mesmo já não se verificou nos anos de 2000, 2001, 2002, 2004, 2005, 2006, 2008, 2010, 2014 e 2015.*

*No extremo oposto, os países com maior "disciplina orçamental" são o Luxemburgo, a Estónia, a Finlândia, a Dinamarca e a Suécia, países que nunca registaram um défice acima da 'barreira' dos 3,0% do Produto Interno Bruto.*

Portugal, ao contrário do que muitos pensam tem gente de valor e má liderança política, mas isso é um problema que vem desde o Afonso Henriques e foi preciso vir um engenheiro civil adepto de futebol para provar que os portugueses são capazes mesmo com armas desiguais e inferiores. Igualmente serviu esta vitória portuguesa para provar a miscigenação lusitana de uma seleção de futebol que tinha como jogadores inúmeras nacionalidades, descendências e clubes, a saber:

*Anthony Lopes nascido em França joga no Lyon,  
Eduardo joga no Dínamo de Zagrebe,  
Rui Patrício joga no Sporting  
Cédric nasceu na Alemanha e joga no Southampton,  
Vieirinha joga no Wolfsburg,  
Bruno Alves descendente de brasileiros joga na Turquia,  
José Fonte joga no Southampton,  
Pepe brasileiro de nascença joga no Real Madrid,  
André Gomes joga no Valência para onde vai*

Nani descendente de cabo-verdianos,  
 Adrien do Sporting nascido em França,  
 João Mário nascido no Porto, joga no Sporting e descende de angolanos,  
 João Moutinho joga no Mónaco,  
 William de Carvalho tem sangue angolano e joga no Sporting,  
 Renato Sanches de São Tomé e Príncipe e de Cabo Verde, joga no Benfica, mas vai para o Bayern,  
 Cristiano Ronaldo madeirense com descendência de cabo-verdianos joga no Real Madrid,  
 Éder veio da Guiné-Bissau e joga em França no Lille,  
 Ricardo Quaresma é Romani e joga na Turquia,  
 Rafa é do Braga,  
 Ricardo Carvalho joga no Mónaco,  
 Eliseu um açoriano, de sangue cabo-verdiano, que joga no Benfica,  
 Raphael Guerreiro nascido em França e a jogar no Lorient,  
 Danilo Pereira nasceu em Bissau e joga no Porto...  
 ainda querem mais lusófonos e multiculturais do que isto? Belo retrato da sociedade.

Na seleção francesa a mistura era deveras interessante

Lloris : d'origine espagnole 🇪🇸  
 Mandanda : né en RDC 🇷🇨  
 Évra : né au Sénégal 🇸🇳  
 Koscielny : d'origine polonaise 🇵🇱  
 Mangala : originaire de RDC 🇷🇨  
 Rami : franco-marocain 🇲🇦  
 Sagna : d'origine sénégalaise 🇸🇳  
 Umtiti : né au Cameroun 🇨🇲  
 Coman : guadeloupéen 🇬🇩  
 Kanté : d'origine malienne 🇲🇱  
 Cabaye : d'origine vietnamienne 🇻🇳  
 Matuidi : d'origine angolaise 🇦🇴  
 Payet : réunionnais 🇷🇺  
 Pogba : d'origine guinéenne 🇸🇳  
 Sissoko : d'origine malienne 🇲🇱  
 Martial : martiniquais 🇲🇶  
 Griezmann : d'origine portugaise 🇵🇹

Dito isto penso que lhes ficou mal não colocarem as medalhas que receberam, falta de amor pátrio francês? Despeito pela derrota? Vencidos no campo e no fairplay. Houve mesmo quem sugerisse usar a técnica do treinador para melhor gerir Portugal, mas creio que isso é sonhar alto demais. Embora o filósofo português Eduardo Lourenço admitisse que isto podia despertar a população da sua letargia e tornarem a ser reativos... demasiado otimismo para a minha cabeça: [http://rr.sapo.pt/.../eduardo-lourenco-vitoria-no-euro-2016-c...-\(ler-adiante\)](http://rr.sapo.pt/.../eduardo-lourenco-vitoria-no-euro-2016-c...-(ler-adiante)) Pode acontecer estarmos perante novo surto de sebastianismo através do futebol e isso será ainda pior. Lucidez é isto. Olhar para o absurdo e não entrar no escuro: ligar a lanterna e colocar as coisas em perspetiva. Pensar, afinal...

P: Em tempos de universalidade do futebol, pode haver uma reivindicação da portugalidade na vitória de Paris?  
 R: Não há nos atores principais: o treinador, responsável máximo pela vitória, ou nos jogadores.  
 Mas, de facto, os meios de comunicação voltaram a retomar esse tema que é filho do nosso antigo complexo de inferioridade.  
 Um complexo histórico e cultural rebatido agora como se fosse uma espécie de vingança, ou desforra, para com uma França que nos teria ofendido.  
 Tudo isso é um pouco absurdo.  
 Agora não há dúvida alguma que a vitória é interessante para os portugueses que vivem em França.  
 De facto, já não são atores secundários da vida francesa.  
 A nossa emigração é uma emigração de sucesso.  
 Os portugueses estão muito integrados.  
 Não emigraram para nenhuma colónia longínqua, mas sim para um país que se conhece desde que Portugal existe.  
 Uma região privilegiada chamada França.  
 Mas há um contributo para o amor-próprio dos portugueses e para o reforço da sua identidade?  
 Os portugueses nem precisam desse contributo.  
 Os portugueses são tão portuguesesinhos, somos tão patriotas desde nascença até hoje que não precisamos deste tipo de suprimento de alma de uma vitória no futebol.  
 Mas, enfim, consola, sobretudo, num contexto europeu como é o de hoje.  
 A Europa está numa grande carência de sentido para ela própria.  
 Discute a sua própria identidade.  
 Algo incrível. Nós, sim, podemos fazê-lo.  
 Somos um pequeno país que foi ilustre na história por tudo quanto sabemos.  
 Mas ver a França discutir a sua própria identidade e ficar muito magoada por não estar à altura dos seus pergaminhos e da sua grandeza é um pouco triste.  
 Enfim, os meus filhos são franceses, a minha mulher era francesa, de maneira que poderia estar um pouco dividido, mas não estou.  
 P.: Como seguiu a epopeia desportiva do torneio com toda a carga simbólica que arrasta?  
 R.: Segui preocupado. Não totalmente convencido de que teríamos uma boa equipa.  
 Tínhamos uma equipa mais ou menos como as outras, mas nada estaria garantido.  
 Nada garantido nem para Portugal, nem para qualquer outra seleção, como se viu durante todo o campeonato.  
 Mas nós não temos nada que provar.  
 O que tínhamos de provar ao mundo já provámos quando isso era uma novidade e constituía uma ação para a humanidade inteira.  
 Temos sempre este complexo de ser uma pequena nação não tão visível como outras.  
 Mas outras nações também não são visíveis.  
 Houve sempre países hegemónicos que dominaram o panorama internacional. A Inglaterra, a França, a Rússia, de que não se fala muito.  
 Acho que esta vitória no futebol foi um bom momento para uma reconciliação com os nossos complexos.  
 Esperemos que seja uma reconciliação longa e definitiva para curar os nossos complexos de inferioridade, se é que ainda os tínhamos.  
 Alguns tinham. Outros não tinham.  
 Portugal tem o orgulho, mas, por outro lado, sente-se muito pequeno.  
 P.: Esta vitória é relevante do ponto de vista anímico, de reencontro com a história, mas, muitos destes triunfos desportivos, não costumam resolver aos povos problemas de futuro...  
 R.: Nada. Nenhum problema.  
 Isto é uma espécie de milagre, mas a história de Portugal é constituída por uma série de milagres.  
 Não se sabe assim muito como é que há quase mil anos este país pequenino, aqui no canto da Europa, é ainda sujeito do seu próprio destino.  
 P.: Mas esta é uma Europa em grave crise.  
 O professor defende que o continente está confrontado com o sentido da sua própria História?  
 R.: Sim, mas não no sentido do confronto ter lugar no interior da própria Europa.  
 Foi sempre assim na história da Europa.  
 Somos herdeiros do Império Romano.  
 Tanto a Europa do Sul, mais antiga que a outra, a nórdica, mais tarde a dominante depois dos tempos de Shakespeare.  
 A Europa está confrontada com o sentido da sua própria História mais no sentido da normalização da nossa relação – nos tempos modernos – conosco próprios.  
 P.: Afirma que a Europa está confrontada com uma contestação, mais que tudo, de natureza quase cultural. Como sair daqui?  
 R.: Como sair? Primeiro ter consciência de que o problema existe.  
 Ter consciência de que há ameaças concretas, sobretudo, as que se traduzem pelo fenómeno do terrorismo.  
 Outras ameaças sempre existiram.



A Europa define-se na sua relação com o que não é Europa.  
 Só sabemos o que é Europa quando estamos fora da Europa.  
 Na Europa temos uma experiência normal. É como a experiência de quem está em casa.  
 Há até uma pluralidade de casas que, mais ou menos, têm afinidades entre elas.  
 Isso é a Europa.  
 Outros continentes têm menos história que nós excetuando a Ásia que está na origem de tudo.  
 Neste momento a ameaça da Europa é uma ameaça cultural de um novo tipo.  
 O que está em causa é o papel hegemónico desta Europa no mundo.  
 É uma batalha cultural.  
 Um ensaísta norte-americano (Samuel Huntington) diz que há uma luta entre civilizações, um choque de civilizações, uma batalha cultural.  
 A História foi sempre isso.  
 A História não é outra coisa...

E para terminar numa nota pessoal: devo dizer que esta série de medalhas e de prémios começou com o meu filho mais novo, o João e a sua equipa do ENTA a ganharem a competição nacional do CanSat (os satélites em latas de refrigerantes) em abril, a que se seguiu a vitória europeia em junho passado contra 14 equipas <http://blog.lusofonias.net/?p=47517> ...dando uma curta palestra na universidade dos açores a contar como foi e a ser cumprimentado pelo ministro da área (ver foto abaixo). Auguro-lhe um futuro cheio de sucessos mesmo sem ser condecorado pelo presidente da república...



Os 4 vencedores e o professor Duarte Cota

O satélite vencedor

CRÓNICA 164, FOGO E MAIS FOGO - AGOSTO 12, 2016

Fartei-me do triste espetáculo circense da TV a dar incêndios a toda a hora para gáudio dos pirómanos e dos que lucram com estes fogos.

Fartei-me das entrevistas lamechas a quem perdeu tudo e não sabe como vai reconstruir a vida.

Fartei-me da dor, do sofrimento, da perda em vidas, da perda em património nacional, fartei-me das palavras ocas de políticos e peritos. (o que adiante se escreve diz respeito a Portugal e Galiza). Quero ação e quero-a já... E não, não é um problema de penas, pois toda a legislação está errada nesta doença pirómana...a pena não pode ser prisão, tem de ser trabalho de plantação de árvores durante anos, indemnizações a todos os lesados durante a toda a vida do culpado até pagar os estragos...

Os incêndios há 40 anos que são deliberados e a isto acrescentamos uma mão cheia de inimputáveis pirómanos, seja por seus atos de moto próprio, ou pagos com umas cervejas ... 25 anos de pena nada adianta...e tem um o custo de a sociedade manter esses párias. Isso de nada adianta, o problema tem de se resolver de uma forma radical de se obter consenso alargado sem lóbis nem pressões de interesses privados, dando às FAP os meios de que dispunha nos anos 1990, acrescentando os mais recentes retardantes de fogo..., colocando guardas florestais (que ficam mais baratos pela centena do que um avião por uma hora), torres de vigia e outros meios de prevenção, limpando as matas que são do Estado, multando os privados (emigrados ou não que não limpam as suas terras, substituindo os eucaliptais sedentos de água por árvores autóctones de cada região.....

Intensificar a formação dos bombeiros, profissionalizar os bombeiros todos (outra vez ficaria mais barato do que uma hora de avião ou helicóptero).

É preciso é vontade política e nenhum partido no poder desde 1975 mostrou ter tal vontade... eu e tu, ou você que me lê, ou qualquer pessoa com senso comum... resolvíamos isto em duas penadas se estivéssemos em posição de poder decidir como fazer... e poupavam-se milhões e ardia muito menos área.... Nada que eu não tivesse escrito nestes 40 anos ao ponto de prometer que esta é a última vez que me manifesto sobre o tema e não sou perito e ninguém pediu a minha opinião...

E mudando para temas mais interessantes sugiro a leitura do volume 1 de Crónica Açores, uma circum-navegação a [Crónica 10](#).

CRÓNICA 166 ELEITORES DA LOMBA DA MAIA 16 OUTUBRO 2016

Era dia de eleições regionais, no largo da igreja da Lomba da Maia agrupavam-se os habituais homens à porta da igreja enquanto as mulheres e crianças assistiam ao culto. Não chovia nem fazia sol, antes pelo contrário. A temperatura era amena e o trânsito era reduzido ao redor da escola primária Amâncio da Câmara Leite na Rua de Nossa Senhora da Conceição. Fui votar e fui ultrapassado no meu lento passo por uma apressada agente da PSP que estacionara mal, do outro lado da rua mesmo em cima da curva. A descer vinham duas velhotas amparando-se mutuamente para subirem a escadaria de acesso à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Na porta da escola estava uma jovem com uma caixa indicando RDP Antena Um que disse ser da Universidade Católica e querer fazer uma sondagem à boca das urnas. Das 429 pessoas votantes num universo de 1038 se a memória não falha estariam ali umas seis e nenhuma era jovem, antes pelo contrário com uma abstenção a rondar os 60% e o PS a sobrepôr-se ao PSD que governa na Junta e na Câmara.

Não vi lá a mulher Einstein nem os seus filhos, nem as prostitutas muito sóbrias que aqui vivem, nem tampouco vi os jovens drogados do coreto da Igreja que terão, decerto, mais que fazer do que votar. Também faltava aqui a vizinha ao lado, na casa de baixo, que com os seus 90 anos há meses partiu a bacia e anda todos os dias num corrupio para o hospital na

ambulância de transporte de doentes, e com enfermeiros a virem a casa tratar dela todos os santos dias. As vizinhas de frente não foram votar pois devem estar recenseadas na cidade pois só aqui vêm passar fins de semana e feriados. Os vizinhos da casa de cima, mal-encarados, como os seus antecessores, metropolitanos do continente, estiveram todo o dia fora e não votaram pois, como mudaram há pouco, ainda não devem estar recenseados localmente. Cheira-me a gente de mudanças múltiplas, talvez professores como o caracol de casa às costas, mas destes nada se sabe que nem a cortesia dos bons-dias aprenderam. Os vizinhos da esquina de cima, em frente ao café Eurobar, foram dar o seu voto.

Uma das idosas aqui da aldeia que mora no começo (ou será no fim?) da Rua das Casas Telhadas a que dei o cognome de palestiniã por andar sempre com um lenço negro na cabeça que mais parece um jhbab, continua a vestir-se com as viúvas de antigamente sempre de negro até à morte. A propósito sabia que o *Icharb* palestinião deu lugar ao francesismo *écharpe*? Não vi lá o velho agricultor ou vaqueiro, que diariamente aqui passa pelas sete e meia da manhã, na sua carroça puxada por um frágil pónei de melenas acastanhadas. Não vi lá nenhum dos vaqueiros que às centenas andam por estas ruas nos sete dias da semana, por entre colheitas de leite das suas vacas, que, na maior parte dos casos nem suas são, mas dos donos. A exploração feudal aliviou-se depois do 25 de abril, mas assumiu novos contornos, nem sempre visíveis a olho nu. Depois do fim das quotas leiteiras da EU, foram dezenas os que foram forçados a abandonar a prática das vacas, que ora, mais do que nunca, se concentram na mão de meia dúzia de proprietários aqui na Lomba da Maia.

Como não frequento missas não tive oportunidade de ouvir o padre na sua prédica dominical a aconselhar os fiéis a irem votar, mas suponho que o terá feito, como sempre se faz nestas terras. Como as missas são muito frequentadas por gente bem idosa e essa lá ia votar, suponho que o sermão da véspera ou da semana anterior terá tido os seus efeitos. Mera suposição, longe de mim denegrir as qualidades democráticas clericais que, suponho, são inculcadas aos seminaristas em Angra do Heroísmo nestes tempos que correm.

Uns dias antes da eleição cá andava o presidente da câmara, mai-lo o presidente da junta de freguesia e acólitos a percorrerem as ruas acompanhados da sua carrinha de som alto, tonitruante, como acontece em todas as campanhas. Creio que ao longo de doze anos raras foram as vezes em que vi aqui na aldeia (freguesia chamam-lhe os locais) qualquer um dos dois presidentes da câmara que já conheci (o Silva, Ricardo 2005-2013 e o Gaudêncio, Alexandre 2013-17). Assim, sabemos que, pelo menos de quatro em quatro anos, eles se lembram de que existimos cá na ponta norte do concelho, apesar de caladinhos e não-reivindicativos ao contrário dos da Faixa de Gaza - como eu chamo aos de Rabo de Peixe, vila piscatória muito conhecida e apreciada na distribuição de benesses municipais.

Não vi votar a viúva-alegre que, segundo as más-línguas acabou por matar o marido com tanto Viagra que lhe dava...há mulheres perigosas nesta Lomba, e decerto com coisas mais importantes para fazer do que votar, coitado do jovem que ali tem sido visto ultimamente, qualquer dia deixa de poder ir trabalhar de trolha.

Não vi a votar nenhuma das mulheres que semanalmente a Junta emprega na tarefa de limpeza de ruas, pintura de muros e outras manutenções locais em troca dos benefícios do rendimento mínimo (qualquer que seja o nome que o rendimento de reinserção social atualmente ostenta).

Era de esperar que elas fossem votar em troca da sua prestação de serviços que bem jeito dá a estas ruas sempre sujas, que este povo (e isto já melhorou em 12 anos) tem a mania de deitar para o chão pacotes de batatas fritas, invólucros de gelados, e todos os papéis (e não papeles como eles lhes chamam) do que adquirem no supermercado ou no café da esquina.

Dizem que devemos contar 20% de abstencionistas como emigrados ou ausentes, para já não falar dos mortos que há anos não são retirados das listas de eleitores. Creio que isto se prende com o apoio financeiro que os partidos recebem em função do número de eleitores. Se fosse em função do número de votantes já teriam alterado a lei e revisto os cadernos eleitorais ou dado direito de voto ausente, mas como assim são beneficiados não há interesse nenhum em retirar os votos dos mortos.... Um bom cidadão mesmo depois de morto continua a servir os interesses dos partidos. Exemplo de cidadania.

*Numa era de voto eletrónico em tanta parte do mundo, nem o obsoleto voto postal é permitido aos votantes da diáspora ou outros que estão longe dos seus locais habituais de voto. Eu entendo que este voto emigrante induza certo temor aos partidos, mas não vou aqui explicar as razões de tal receio.*

Falando de números creio que mais de 50 deputados para um quarto de milhão de habitantes em nove ilhas é deputado a mais e depois a representatividade é uma coisa tramada. Imaginem que a ilha do Corvo com menos de 400 pessoas elege 2 deputados...pela proporcionalidade a Lomba da Maia só porque está aqui perdida no meio da ilha mais populosa deveria assim eleger mais de 4 deputados com 1038 votantes registados. Ficaríamos bem representados no hemiciclo na cidade da Horta. É em momentos como este que gostava de ser corvino. E pronto daqui a um ano noutras eleições ou quatro anos para estas, reportarei o que se passou nas mesas de voto locais.

### CRÓNICA 167 PÃO POR DEUS, HALLOWEEN E ETC. 1 NOV 2016

Ainda não é meio dia e já tocaram à porta umas quinze vezes bandos de crianças que perpetuam o "Pão por Deus". Tradição centenária em Portugal e nas 9 ilhas dos Açores.

Este ano até a Junta de Freguesia da Lomba da Maia abriu as portas para dar os doces às crianças....

Vejam como o descrevi em 2006, no meu livro *CrónicaAçores uma circum-navegação volume 2 Halloween* ([ler Crónica 60](#))

### CRÓNICA 168, É O FIM DO MUNDO QUE CONHECÍAMOS. 9 NOVEMBRO 2016.

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=C\\_ANYPBQFBC](https://www.youtube.com/watch?v=C_ANYPBQFBC)



R.E.M. It's the end of the world as we know it (and i feel fine) - YouTube /// R.E.M. @ Perfect Square YOUTUBE.COM

Em tempos não muito afastados escrevi em prosa no *CrónicaAçores*, uma circum-navegação. Dois volumes num total de quase 800 páginas. Embora muita coisa má se pudesse prever ali e (infelizmente) se tornasse realidade, não, nunca conseguiria prever este novo Presidente dos EUA não era uma delas.

Escapei ao terramoto de 1906 em São Francisco, ao afundar do Titanic em 1912, à gripe de 1919, ao incêndio do dirigível *Hindenburg*, ao Holocausto e às atrocidades da 2ª grande guerra por ainda não ter nascido. Assisti a dias negros na minha vida, uma brutal Guerra da Coreia da qual nem me apercebi dada a tenra idade, o fim da primavera de Praga e o esmagar do sonho democrático da Hungria, os assassinatos dos Kennedy (JFK em 1963 e Robert em 1968), o assassinato de Martin Luther King em abril 1968, o genocídio do Biafra, a guerra do Vietname, a guerra colonial, o ciclone *Tracy* em Darwin na noite de natal 1974, a destituição em 1975 do governo democraticamente eleito de Gough Whitlam na Austrália pelo governador-geral a mando da CIA, a invasão de Timor pela Indonésia em 7/12/1975, os reféns na embaixada em Teerão e o desastre nuclear de *Three Mile Island* em 1979, o assassinato de John Lennon em 1980, o desastre de Chernobyl em 1986 e tantos outros episódios...

Há muitos anos (2005 ou 2006) escrevi que estávamos a retroceder aos tempos da Revolução Industrial, o nazismo avassalador ameaçava o mundo com a desintegração latente da Europa e dos valores humanistas que a construíram em meados do século passado.

Nunca em momento algum das minhas previsões malignas sobre o futuro esperei, no entanto, que a revolução retrógrada ocorresse nos meus dias, e ela aí está. Se Reagan e Thatcher me pareciam maus na época, nem tenho adjetivos para qualificar Trump, tudo o que ele representa em conjunto com mais de 56 milhões de misóginos, racistas, xenófobos, sexistas, neonazis, supremacistas brancos, KKK (Ku Klux Klan), anti-LGB, neofascistas, ignorantes, irresponsáveis, iletrados. Peões cegos, seguindo o flautista de Hamelin.

Os norte-americanos votaram num louco, racista, xenófobo, reles, ordinário. Se Hitler, que foi democraticamente eleito pelo povo, era um dos piores indivíduos que já nasceu – mas, pelo menos – tinha objetivos e ideias bem fundamentadas do que queria, este burgesso narcisista não tem conhecimentos nem inteligência suficiente para objetivo algum, além do retrocesso civilizacional. Há 27 anos caía o muro de Berlim hoje nasce o muro Trump, presidente nº 45 dos EUA. O mundo pensava-se que não podia piorar, mas isto é apenas o começo.

Agora a América só se salva se a rainha Isabel II da Inglaterra terminar com os 240 anos da experiência norte-americana e reintegrar os EUA no Reino Unido... Trump é uma vergonha para qualquer país e um desastre de graves consequências. A Democracia, o Estado de Direito e os Direitos Humanos não são valores assegurados para sempre. É necessário continuar a defendê-los e a preservá-los! Marine Le Pen foi a primeira a dar os parabéns a Trump enquanto aguarda o dia de tomar posse no Eliseu. Se o mundo já era perigoso, a partir de 20 de janeiro, data da posse de Trump, vai ficar EXPLOSIVO. Será que a Europa tem consciência disto? Parafrazeando José Ribeiro e Castro "Agora, a Europa e os europeus que se façam à vida, pois o guarda-chuva americano irá provavelmente acabar".

*José Luís Peixoto afirma "Venceu o Ku Klux Klan. O futuro tornou-se mais assustador. O ódio é gasolina; dá energia, incendeia e envenena." Avisava Stevie Wonder "eleger Trump é como me porem a guiar um carro". O mundo caminha rapidamente para um abismo e não há nada que eu possa fazer. Mas não sei como explicar isto aos meus filhos. Putin deu os parabéns satisfeito, por ter agora um líder na Casa Branca que - pensa ele - pode vir a manipular. Será? Com um louco destes em cada lado nunca se sabe como isto vai acabar e ambos podem carregar no botão mágico do "DELETE EARTH".*



AUTOR DESCONHECIDO

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA,  
LER UMA BOA POESIA,  
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL,  
DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.  
GOETHE

Ine

## Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moínhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua mátria desconhecida, partiu à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um "Anno Horribilis" no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígine a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descortinou a sua mátria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta "Atlântida" onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

## Badana direita



[chrys@lusofonias.net](mailto:chrys@lusofonias.net) -

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro "**Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1**" (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Electricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Leccionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese "**Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975**" (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia "**Crónicas Austrais 1976-1996**".

Em 2005 publicou o "**Cancioneiro Transmontano 2005**"

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia "**Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter**".

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dores (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos** para inglês

Em 2012 traduziu de Caetano Valadão Serpa "**Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino.**"

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias).

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia "**ChrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**, (esgotado)" cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia "**ChrónicaAçores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**" (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia "**Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)**", a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de "**Crónicas Austrais 1978-1998**".

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da "**Trilogia da História de Timor**"

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, "**Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor**", vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café

Em 2017 lançou o seu opus magister "**Bibliografia Geral da Açorianidade**" em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro "**O Mundo Perdido de Timor-Leste**" de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 "**Fotoemas**", foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de "**Missionários açorianos em Timor**" vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de "**ChrónicaAçores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**" cronicando as suas viagens pelo mundo

Completo a **Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)**

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceania - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> [www.lusofonias.com](http://www.lusofonias.com)

ChronicAçores uma circum-navegação vol 3 ano 2016

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES  
VOL. 3 ANO 2016 - SEM CORTES (CRÓNICAS 156 A 168 - 2016)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES  
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE